

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A DANÇA COMO EXPRESSÃO E DESENVOLVIMENTO EM EDUCANDOS DA APAE DE SÃO LUDGERO

Autores: Daniela Ouriques Nunes Vicente e Gisele Engels.

Resumo: Este relato de experiência tem como foco o trabalho desenvolvido com o grupo Dançando e Encantando, da APAE de São Ludgero, evidenciando a dança como instrumento pedagógico, terapêutico e inclusivo. Iniciado em 2015, o projeto trabalhou diferentes estilos de dança, como balé, dança contemporânea, dança cultural e outros estilos livres, promovendo a experimentação e a expressão corporal dos educandos. A proposta teve como objetivo principal fomentar o desenvolvimento global dos participantes por meio da coordenação motora, da socialização e do fortalecimento da autoestima. Ao longo dos anos, observou-se uma evolução significativa, tanto em aspectos técnicos e artísticos quanto no crescimento pessoal, emocional e social. A dança, nesse contexto, revelou-se uma ferramenta transformadora, capaz de ressignificar trajetórias, romper barreiras atitudinais e afirmar a dignidade e o protagonismo das pessoas com deficiência. A experiência reforça a importância de práticas culturais acessíveis como meio efetivo de inclusão e valorização da diversidade.

Palavras-chave: Dança. Educação Especial. Dança Inclusiva. Inclusão Cultural. Arte e Acessibilidade. Expressão Corporal. APAE.

1 Introdução

A história da inclusão da pessoa com deficiência é marcada por avanços significativos ao longo das últimas décadas. Houve um tempo em que essas pessoas eram mantidas à margem da sociedade, privadas de seus direitos e de oportunidades básicas de participação. Com o tempo, movimentos sociais, legislações e políticas públicas passaram a defender uma nova perspectiva: a valorização da diversidade humana e a promoção da equidade. Nesse cenário, a inclusão deixou de ser apenas um ideal e passou a se concretizar por meio de práticas efetivas em diversos campos, como a educação, a saúde, o trabalho e, de forma crescente, na cultura. [...] como apontado na nova edição da Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência Viver sem Limite II (Brasil, 2023), a inclusão deixou de ser um ideal distante para se consolidar em ações concretas nas áreas de educação, saúde, trabalho e cultura.

A produção científica recente evidencia que a relação entre dança e deficiência vem ganhando espaço no cenário acadêmico, especialmente por meio de revisões que buscam mapear como essa prática tem sido abordada em diferentes contextos. Os estudos

identificados contemplam experiências variadas, envolvendo desde a dança educativa até modalidades como a dança esportiva com usuarios de cadeira de rodas e a dança contemporânea. Esse conjunto de pesquisas demonstra que a dança, ao integrar corpos diversos, constitui não apenas uma atividade artística, mas também uma prática que amplia possibilidades pedagógicas, esportivas e sociais, reforçando seu papel como instrumento de inclusão e transformação (Trindade et al., 2024).

Sendo assim tem se articulado com a deficiência em múltiplos cenários. Cada um desses contextos mobiliza diferentes objetivos, métodos, estilos e profissionais, o que evidencia o caráter versátil e transdisciplinar dessa linguagem corporal. Essa multiplicidade permite que a dança atue como um elo entre distintas áreas do saber, promovendo experiências enriquecedoras que integram aspectos físicos, emocionais, sociais e culturais, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento e a inclusão da pessoa com deficiência (Trindade et al., 2024).

A dança, mais do que uma prática artística ou uma atividade física, tem se revelado uma potente ferramenta de transformação pessoal e social para pessoas com deficiência. Ao ultrapassar a dimensão do movimento e alcançar o campo da expressão, da identidade e da vivência coletiva, a dança permite ressignificar o corpo e suas possibilidades, promovendo inclusão, visibilidade e pertencimento. Nos últimos anos, temos assistido à ocupação de espaços antes restritos a corpos idealizados como perfeitos por pessoas com corpos diversos, quebrando paradigmas estéticos historicamente impostos no campo da arte. Essa ampliação de sentidos convida à reflexão sobre o papel da dança como linguagem que valoriza a diferença, não apenas como algo a ser tolerado, mas como riqueza humana. É justamente na diversidade dos corpos e nas múltiplas formas de expressão que a arte da dança encontra novos significados. Assim, mais do que adaptar movimentos, trata-se de reconhecer outras formas de ser, sentir e estar no mundo, contribuindo para um cenário mais sensível, inclusivo e plural (Santos et al., 2019).

A dança tem se mostrado uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e o protagonismo de pessoas com deficiência, contribuindo para o desenvolvimento da identidade, da expressão corporal e das habilidades sociais. Quando adaptada às necessidades individuais, possibilita maior autonomia, autoestima e participação ativa dos educandos em diferentes contextos. Além disso, a formação adequada de educadores e profissionais é essencial para garantir que as práticas sejam inclusivas e respeitem as particularidades de cada participante, integrando a dança de maneira efetiva tanto no âmbito educacional quanto terapêutico (Martins et al., 2023).

Este relato de experiência busca refletir sobre a importância da dança na vida da pessoa com deficiência, evidenciando seus efeitos no desenvolvimento integral e na inclusão cultural. Nesse contexto, apresenta-se a trajetória do grupo Dançando e Encantando, criado em 2015

diante da necessidade de preparar os alunos para o Festival Nossa Arte, realizado a cada três anos pela Federação das APAEs de Santa Catarina. Mais do que um espaço de ensaio, o grupo nasceu do desejo de oferecer aos participantes a oportunidade de viver a dança como expressão, convivência e conquista de autonomia. Com o passar dos anos, tornou-se um espaço de afeto e pertencimento, onde cada gesto, movimento e olhar traduzem histórias de superação e potência. A experiência mostrou que dançar vai além da técnica: é criar vínculos, fortalecer a autoestima e celebrar a vida em todas as suas formas de diversidade humana.

2 Desenvolvimento

2.1 Método

Este relato de experiência caracteriza-se, quanto à natureza, como aplicada, uma vez que busca gerar conhecimentos voltados à prática pedagógica e terapêutica no contexto da dança inclusiva. No que se refere à abordagem, trata-se de um estudo qualitativo, pois considera a subjetividade dos participantes, suas vivências e percepções no processo de desenvolvimento por meio da dança. Em relação aos objetivos, apresenta caráter descritivo e explicativo: descritivo ao registrar e sistematizar as experiências vivenciadas no grupo de dança; e explicativo ao analisar os efeitos da prática no desenvolvimento dos participantes, identificando relações entre expressão corporal, inclusão e aprendizagem. Quanto aos procedimentos metodológicos, utilizou-se pesquisa bibliográfica, a fim de fundamentar teoricamente a discussão; pesquisa de campo, realizada por meio da observação participante durante os encontros do grupo de dança; estudo de caso, uma vez que o foco está em um grupo específico da instituição; e pesquisa-ação, pois o trabalho foi desenvolvido de forma colaborativa, com a participação ativa dos envolvidos no processo.

O grupo Dançando e Encantando nasceu em 2015, inicialmente com o propósito de preparar os alunos para os festivais estaduais promovidos pela Federação Catarinense de Educação Especial. Com o tempo, porém, o projeto foi além dessa meta inicial e se transformou em uma prática contínua dentro da instituição. Hoje, a dança não se restringe às apresentações artísticas, mas faz parte da rotina, contribuindo para a inclusão cultural, o fortalecimento da autonomia e a valorização das singularidades de cada educando. Nesse espaço, o movimento se converte em linguagem, a convivência em aprendizado e a arte em um meio de reconhecer e celebrar as múltiplas formas de ser e estar no mundo.

As atividades são realizadas em dois encontros semanais, com duração média de 50 minutos cada, sob a orientação das profissionais Daniela e Gisele, atuantes na APAE de São Ludgero. O grupo é formado por 18 educandos com diagnóstico de deficiência intelectual e Síndrome de Down, paralisia cerebral público-alvo da instituição. O trabalho ocorre de maneira

coletiva, porém com atenção individualizada, valorizando as particularidades e potencialidades de cada participante, promovendo um ambiente inclusivo e estimulante.

O planejamento das oficinas de dança adota um estilo livre, permitindo a experimentação de diferentes linguagens corporais, como balé, dança contemporânea, teatro e manifestações da cultura popular brasileira. As coreografias são adaptadas conforme as habilidades dos integrantes, com o uso de músicas diversas, figurinos, exercícios de percepção corporal e movimentos simples, garantindo acessibilidade e expressividade. Todo o processo é conduzido com sensibilidade e respeito aos limites individuais, promovendo o desenvolvimento da coordenação motora, da expressão corporal, da socialização e da autoestima.

O projeto conta ainda com o apoio de outros setores da APAE, incluindo a coordenação de Autodefensoria e professores de Educação Física, promovendo uma abordagem interdisciplinar que potencializa os ganhos funcionais e amplia o cuidado integral aos educandos. Os professores de Educação Física atua no preparo físico dos bailarinos, trabalhando força, equilíbrio e coordenação motora, enquanto a coordenação de Autodefensoria estimula a autonomia, a autoconfiança. Dessa forma, a dança é compreendida não apenas como manifestação artística, mas também como instrumento pedagógico, terapêutico e social, capaz de transformar vidas por meio do movimento, da expressão, da convivência e da valorização da diversidade.

Segue abaixo fotos de como acontecem as aulas com os educandos:

*Autorização de todas as fotos abaixo no Qr Code.



Figuras 1 e 2: Aulas de dança no ginásio APAE de São Ludgero.

Fonte: Acervo APAE, 2025.

2.2 Resultados e Discussão

Esse projeto surgiu com a justificativa de promover a integração entres os educandos da Apae de São Ludgero, incentivando a pratica saudável da dança. Quando iniciamos, os educandos demonstravam certa timidez e resistência aos movimentos propostos, principalmente devido à falta de familiaridade com a linguagem corporal o medo de interagir com o proprio corpo e com o ambiente coreográfico. Com o passar das semanas e meses o fortalecimento do vínculo com as profissionais e entre os colegas, foi possível observar maior espontaneidade, ampliação dos movimentos, melhora na coordenação motora, no equilíbrio, na segurança e na orientação espacial. Houve também avanços significativos na interação social, na cooperação em grupo onde é visível o apoio mutuo e no fortalecimento da autoestima, especialmente evidenciado durante as apresentações institucionais. Segundo Santos et al. (2019), a dança para pessoas com deficiência, muitas vezes, pode parecer estranha pela falta de familiaridade com essa forma de expressão. No entanto, na medida em que essas experiências possam produzir sentidos para um público mais amplo, é de se esperar que outras sensibilidades possam ser produzidas, o que até mesmo amplia as possibilidades estéticas da dança (Santos et al., 2019, p. 274).

A oficialização do grupo Dançando e Encantando em 2015 marcou um ponto de transformação na abordagem da dança dentro da APAE de São Ludgero. A partir daquele momento, as aulas deixaram de ser pontuais ou recreativas e passaram a ocorrer de maneira continua e planejada com foco em desenvolvimento da linguagem corporal dos bailarinos através das atividades aplicadas e ensaios regulares e aprofundamento técnico adaptado às possibilidades dos educandos. Essa organização trouxe não apenas melhorias na qualidade das apresentações, mas também transformações significativas com beneficios fisicos e emocionais no desenvolvimento individual e coletivo de todos os educandos. Segundo Santos et al. (2019), quando as pessoas participam da dança ou observam a performance de outros, atribuindo significado à experiência, elas podem passar por algum tipo de mudança, seja no âmbito pessoal ou no coletivo (p. 275).

Por exemplo, muitos passaram a executar movimentos mais amplos e precisos, demonstrando melhor equilíbrio e postura durante ensaios e apresentações. Houve também um aumento na confiança ao realizar coreografias em grupo, com jovens que antes se mantinham mais reservados interagindo com os colegas, sincronizando passos e apoiando-se mutuamente. A espontaneidade se refletiu na expressão facial e gestual, permitindo que cada participante transmitisse suas emoções de forma autêntica durante as apresentações. Esses avanços não se limitaram à dança: foram percebidos em atividades do cotidiano, como maior autonomia na realização de tarefas, capacidade de seguir instruções com atenção e

participação ativa em interações sociais, evidenciando o impacto global da prática artística no desenvolvimento físico, emocional e social desses jovens.

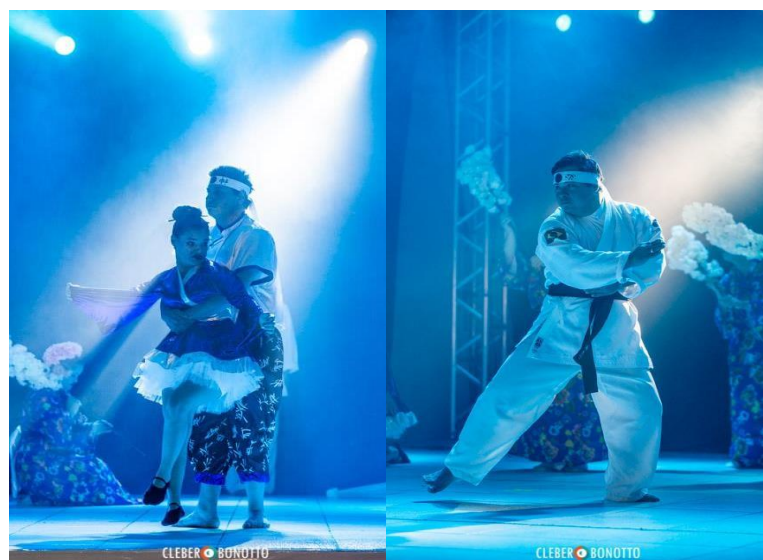
E assim, os resultados do grupo começaram a se concretizar. Após um ano de sua formação, em 2016, na cidade de São Ludgero, durante a realização do Festival Regional Nossa Arte, os educandos conquistaram o primeiro lugar nas categorias de dança contemporânea com a coreografia Alegria Circo de Soleil, um espetáculo de circo em que os bailarinos brincaram e voaram, superando seus limites, e em arte cênica com o teatro A Bela e a Fera, uma história de amor entre uma camponesa e uma fera enfeitada, transmitindo a mensagem de que somente o amor transforma. O grupo representou as Apaes da região Encostas da Serra na etapa estadual do festival, realizada no Teatro Garapuvu, em Florianópolis, conquistando o quarto lugar. Em 2019, o grupo repetiu o feito ao ser novamente premiado em primeiro lugar regional nas categorias de dança folclórica, com a coreografia Tradições Japonesas, que incorporou elementos tradicionais e sagrados do Japão, como wagasa, flores de cerejeira, sakatá, taikô, queixas, katanas e kata, uma sequência lógica de defesa, ataques e esquivas, e em dança contemporânea, com a coreografia Novo Ciclo, ao som da flauta, simbolizando novos momentos, sonhos e recomeços. O grupo Dançando e Encantando representou novamente as Apaes da região Encostas da Serra no Festival Estadual Nossa Arte, na cidade de Joinville, no palco da Escola de Teatro Bolshoi, espaço emblemático de dança e arte, conquistando o segundo lugar na categoria folclórica e o quinto lugar na contemporânea. Essas conquistas refletem não apenas a evolução técnica e artística, mas sobretudo a realização de sonhos, novas esperanças e o crescimento pessoal de cada dançarino. De acordo com a APAE Brasil (2018), O Festival Nossa Arte tornou-se um dos recursos metodológicos na descoberta de talentos e potencialidades artísticas nos espaços das escolas especiais da Rede APAE, que inicialmente surgiu apenas para mostrar e divulgar apresentações artísticas dos estudantes que frequentavam as Apaes.



Figuras 3, 4 e 5: Festival Regional- São Ludgero.
Fonte: Acervo APAE, 2016.



Figuras 6 e 7: Festival Regional- São Ludgero.
Fonte: Acervo APAE, 2016.



Figuras 8, 9 e 10: Festival Estadual Nossa Arte- Joinville.
Fonte: Acervo APAE, 2019.

Após essas participações, observa-se um progresso evidente na autonomia dos educandos, especialmente em aspectos como disciplina, comprometimento com os ensaios, dedicação e motivação. Muitos demonstram maior desenvoltura em palco, expressando-se com liberdade e segurança, o que contribui diretamente para o fortalecimento da autoestima e da identidade individual e coletiva. A confiança conquistada no palco se estende a outros contextos da vida cotidiana, favorecendo interações sociais mais positivas e participativas. Nesse sentido, ações que promovem o autocuidado e a autoestima em pessoas com deficiência são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia e da confiança, impactando de forma significativa suas relações sociais e a participação ativa na comunidade. Além disso, os educandos desenvolveram maior capacidade de se expressar, falar sobre si mesmos e compartilhar seus sonhos. O projeto também abriu portas para experiências antes desconhecidas, como conhecer novas cidades e se hospedar em hotéis, vivências que muitos nunca haviam experimentado, ampliando horizontes e fortalecendo a confiança pessoal. Além das conquistas técnicas e artísticas, a participação do grupo Dançando e Encantando nas apresentações e no Festival Nossa Arte teve um impacto profundo no aspecto emocional e social dos bailarinos. Ao subirem ao palco, eles demonstraram maior confiança, desenvoltura e capacidade de se expressar, o que fortaleceu sua autoestima e o senso de pertencimento. Essas experiências também abriram novas oportunidades de socialização, viagens e vivências culturais, permitindo que conhecessem outras cidades, se hospedassem em hotéis e participassem de eventos que muitos jamais haviam imaginado. Ao mesmo tempo, a presença constante de pessoas com deficiência nos palcos da cidade vem modificando a visão da comunidade local. A participação ativa desses educandos tem contribuído para a construção de uma sociedade menos capacitista, em que a diversidade é valorizada e a inclusão é percebida de forma concreta. O público passa a enxergar não apenas as limitações, mas sobretudo as habilidades, talentos e o protagonismo das pessoas com deficiência, reforçando o papel da arte como instrumento de transformação social.

As atividades artísticas nas unidades educacionais da Rede APAE desempenham papel fundamental no desenvolvimento integral de pessoas com deficiência, oferecendo oportunidades de expressão, criatividade e socialização. A dança, em particular, se destaca como ferramenta pedagógica e terapêutica, capaz de estimular habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais, ao mesmo tempo em que promove a inclusão e o respeito à diversidade. A implementação dessas práticas requer planejamento interdisciplinar, envolvendo profissionais da educação, saúde e assistência social, de forma a garantir que cada atividade seja adaptada às necessidades e potencialidades individuais dos educandos, fortalecendo sua autonomia e participação social (APAIE Brasil, 2018).

Atualmente, o grupo tem ampliado sua presença na comunidade, realizando apresentações em eventos municipais e regionais, como feiras culturais, encontros

institucionais, programações em cidades vizinhas e eventos renomados de dança em universidades, como ocorreu em 2024 no 22º Unesc em Dança na cidade de Criciúma. Essas participações públicas reforçam a visibilidade das pessoas com deficiência enquanto protagonistas culturais, promovendo o rompimento de estigmas e o reconhecimento de suas capacidades artísticas. Segundo Santos et al. (2019, p. 274), a dança tem representatividade social, ou seja, tem sentidos e ao mesmo tempo determina e gera outros sentidos para a dança e a deficiência. Muitas pessoas com deficiência se reconhecem na dança, que tem sido uma possibilidade de se estar em sociedade. A dança pode ser um elemento de equilíbrio social para as pessoas com deficiência e/ou, possivelmente, de transformação pessoal e social.



Figuras 11 e 12: 22º Unesc em Dança- Criciúma.
Fonte: Acervo APAE, 2024.

A alegria dos educandos nas apresentações, o cuidado com os figurinos e o envolvimento emocional nas coreografias demonstram que a inclusão cultural está em pleno desenvolvimento, e um espaço que permite-se que os membros tomem decisões e assumam responsabilidades, dando-lhes autonomia e espaço para desenvolverem suas habilidades. Esse processo, que promove o respeito à diversidade e a superação de barreiras sociais, reforça o papel da arte como instrumento de protagonismo e valorização da pessoa com deficiência (Martins et al., 2023).

Assim, a experiência do Dançando e Encantando evidencia que a dança, além de instrumento pedagógico e terapêutico, é um caminho eficaz para o empoderamento das pessoas com deficiência, através dela, os educandos puderam expressar-se fisicamente e emocionalmente, promovendo sua plena participação na vida cultural e artística da comunidade e contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e sensível à diferença. Esse entendimento é reforçado por Santos et al. (2019), ao apontarem a dança

como elemento de transformação pessoal e social, capaz de gerar sentido, pertencimento e reconhecimento para as pessoas com deficiência.

Nossa avaliação do impacto do projeto foi realizada por meio de múltiplos métodos, incluindo observação direta, estudo de caso e entrevistas com os participantes. Durante as aulas práticas, realizamos rodas de conversa, nas quais perguntamos aos jovens: O que significa para vocês estar em cima do palco? As respostas surgiram de forma espontânea e carregadas de significado, revelando não apenas o prazer em se apresentar, mas também a importância da experiência para a autoestima, confiança e expressão pessoal de cada um.

- ✓ Me sinto contente, valorizado e incluído. Eduardo Marcelino.
- ✓ Dançar é muito legal, me ensina movimento. Jaqueline
- ✓ Fico muito feliz dançando com meus amigos. Kaua
- ✓ É muito legal e importante me sinto feliz. Tania
- ✓ Me traz amor e paz. Martha
- ✓ Eu adoro dançar me sinto muito bem. Lucas
- ✓ Me sinto bem, me sinto importante. Edemilson
- ✓ A dança me acalma. Rubia
- ✓ Eu amo dançar. Geovania
- ✓ No palco eu me sinto linda. Cintia
- ✓ Eu sou um artista. Everton
- ✓ A dança me transformou, passei a acreditar mais em mim. João
- ✓ A dança me levou a muitos lugares. Henrique

Essas falas evidenciam a evolução e a transformação dos educandos após a realização do projeto. A dança tem promovido inclusão, autoestima, autoconfiança e melhoria na qualidade de vida das pessoas com deficiência. Esses são apenas alguns exemplos dos inúmeros benefícios que o projeto trouxe a cada um deles. Quando estão no palco, seja em competição ou apenas se apresentando, é possível perceber a grandiosidade de suas conquistas: postura, ritmo, entusiasmo, concentração e autoestima. Observamos bailarinos talentosos, dedicados e motivados, refletindo todo o impacto positivo da experiência. Percebemos, na prática do grupo, como a dança se mostra um elemento transformador, capaz de promover desenvolvimento pessoal, social e emocional, conforme destacam Santos et al. (2019). Além disso, ao vivenciar a dança como ferramenta pedagógica inclusiva, confirmamos o que Trindade et al. (2024) apontam: ela favorece a aprendizagem, a integração social e valoriza as capacidades de cada participante. As apresentações dos jovens nos palcos da cidade também trouxeram visibilidade à diversidade e reforçaram a importância da inclusão, em sintonia com Martins et al. (2023), que defendem a arte como instrumento de afirmação

do protagonismo cultural de pessoas com deficiência. Assim, a experiência prática mostra que a dança vai além do aspecto técnico, promovendo autoestima, transformação social e uma percepção positiva da comunidade sobre a presença e contribuição dos jovens com deficiência na vida cultural local.

3 Considerações Finais

A experiência com o grupo Dançando e Encantando reafirma o papel essencial da arte e, em especial, da dança como caminho para a inclusão, a valorização da diversidade e o fortalecimento das potencialidades humanas. Mais do que uma prática corporal, a dança revelou-se um campo de descobertas, empoderamento e transformação, proporcionando aos educandos da APAE de São Ludgero um espaço legítimo de expressão, pertencimento e cidadania. Tais iniciativas estão alinhadas às diretrizes da Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência Viver sem Limite II, que preconiza a promoção da cidadania, da acessibilidade e da participação plena das pessoas com deficiência em todos os âmbitos da sociedade (Brasil, 2023).

Ao longo do tempo, tornou-se evidente que os benefícios ultrapassam o aspecto artístico: houve avanços significativos na coordenação motora, na socialização, na autoestima e na autonomia dos participantes. A evolução dos educandos não se restringe ao palco ela ecoa no cotidiano, nas atitudes, na comunicação e na confiança com que se posicionam diante da vida.

Como apontam Santos et al. (2019), a dança para pessoas com deficiência pode ser um elemento de equilíbrio social e transformação pessoal. Quando oportunizada com respeito, sensibilidade e compromisso, ela amplia horizontes, rompe paradigmas e oferece novas possibilidades de ser, estar e se reconhecer no mundo. Além disso, conforme destaca a APAE Brasil (2018), o acesso à arte e à cultura é direito fundamental e atua diretamente na construção de uma sociedade mais justa e plural.

A dança, quando pensada no contexto das pessoas com deficiência, constitui um espaço de expressão corporal sentida que extrapola o aspecto físico. Mais do que uma atividade artística, ela possibilita a valorização da autonomia, o fortalecimento da autoestima e a ampliação das relações sociais. Inserida em ambientes inclusivos, a dança favorece o rompimento de barreiras sociais e culturais, contribuindo para a desconstrução do capacitismo e para a construção de novas formas de participação e pertencimento. Nesse sentido, pode ser compreendida como uma prática educativa e transformadora, com impacto tanto no desenvolvimento individual quanto na sensibilização da sociedade (Santos et al., 2019).

O grupo Dançando e Encantando torna visível o que muitas vezes é invisibilizado: o potencial criativo, afetivo e estético de corpos diversos, que dançam não apenas para

apresentar coreografias, mas para contar histórias, emocionar e, sobretudo, ocupar com orgulho seu lugar na cultura e na arte. O palco, nesse contexto, deixa de ser apenas cenário e se transforma em território de pertencimento, onde a inclusão acontece de forma concreta, sensível e encantadora. Em nossas considerações finais, não podemos deixar de destacar a participação e o apoio das famílias, bem como a alegria que sentiam ao acompanhar o desenvolvimento e as conquistas de seus filhos.

*Autorização de todas as fotos.



Referências

SANTOS, R. F. dos; GUTIERREZ, G. L.; ROBLE, O. J. **Dança para pessoas com deficiência: um elemento possível de transformação pessoal e social.** *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 4, p. 271–276, 2019.

TRINDADE, F. A. C. T. D. A. et al. **Diálogo entre dança e deficiência: uma revisão integrativa.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 30, 2024.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência – Viver sem Limite II.** Brasília: MDHC, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh>. Acesso em: 28 maio 2025.

APAE BRASIL. **Ações norteadoras de arte e cultura nas unidades educacionais da Rede APAE.** Brasília: Federação Nacional das APAEs, 2018.

MARTINS, Juliana V. et al. **Dança e inclusão: caminhos para o protagonismo da pessoa com deficiência.** *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 29, n. 4, p. 679–696, 2023. DOI: 10.1590/s1413-65382923000400007